



Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, ao repórter Ricardo Amaral, da revista Época, durante vôo Argentina-Brasil, após posse da presidente Cristina Kirchner

(Entrevista concedida em 10 DEZ e publicada na edição de 15/16 DEZ)

Obs: a íntegra da entrevista foi fornecida pela Revista Época

Jornalista: Em política externa, tem gente que o critica porque o senhor é amigo de Hugo Chávez e gente que o critica por ser amigo de George W. Bush. Qual desses críticos está errado?

Presidente: Os dois estão errados. Porque não se trata de ser amigo ou não. Uma coisa é a minha relação pessoal, e eu sou amigo de quem eu bem entenda. Outra coisa é a minha relação como chefe de Estado. Quem está se relacionando com o Chávez, com o Bush, com o Kirchner ou com o Evo Morales é o Estado brasileiro. Quando eu converso com esses companheiros, eu não converso sobre interesses pessoais, converso sobre interesses do Estado brasileiro. Sobre o que é interessante para o Brasil o que é para eles, o que podemos fazer juntos. Você não faz política internacional pela amizade. Há países que você nunca conversou com o presidente da República e a relação comercial com o Brasil é extraordinária. A gente faz relações pelas nossas necessidades, pelas necessidades dos outros, pelos produtos que gente tem pra vender e para comprar.

Jornalista: O peso que a política externa tem na sua agenda como presidente o surpreendeu?



Presidente: Antes de chegar à Presidência da República eu talvez tenha sido um dos brasileiros que mais tenha mantido relações internacionais, por conta da minha atividade no sindicato e depois como presidente do PT. Eu já conhecia quase todo mundo da Itália, da França, Suécia, Holanda, Inglaterra, Portugal, Espanha... Se pegar a América Latina, é só lembrar que nós criamos o Fórum de São Paulo em junho de 1990, uma tentativa de articular toda esquerda da América Latina para que a gente pudesse entrar no jogo democrático hoje. Eu tinha perdido as eleições para o Collor por pouco e nós tínhamos saído fortalecidos daquele processo eleitoral. Eu achava que era importante juntar a esquerda na América Latina, onde tinha muitos grupos que só pensavam na luta armada, pra mostrar para eles que pela via eleitoral e pela via da democracia a gente poderia chegar lá. Hoje, todos aqueles grupos, com exceção das Farc - que não participavam do Fórum de São Paulo - começaram a participar. Grande parte deles estão no poder hoje. Inclusive o Chávez, que eu conheci no Fórum de São Paulo em Havana. Ele tinha acabado de dar o golpe, tinha sido preso e tinha sido libertado. Conheci quase todos da América Latina, muitos que hoje estão no governo, gente da Frente Amplio, da Argentina, da República Dominicana, da Guatemala, da Nicarágua, de El Salvador, no Fórum de São Paulo.

Jornalista: Domingo, na cerimônia de fundação do Banco do Sul, o senhor disse que dez anos atrás seria impossível sonhar com uma reunião de presidentes como aquela. O que mudou?

Presidente: Mudou, primeiro porque ascendeu ao poder um novo perfil de dirigente. Mudou o perfil do dirigente da América Latina e eu acho que o povo deixou de ser o coadjuvante e passou a ser o artista principal. Você ia para uma eleição e se perguntava: o que os formadores de opinião pública estão pensando? Hoje você pergunta o que o povo está pensando. Isso em quase



toda a América latina. Pega da Guatemala... Poderia até pegar do México porque a diferença entre o Calderon e o Obrador foi de muito pouco, menos de um por cento. Houve uma inflexão do eleitorado, possivelmente cansado por tanto tempo de retrocesso econômico. São mais de duas décadas, cansado por tantos discursos neoliberais, desde em torno final dos anos 80, os anos 90. Então o povo começou a mudar o perfil.

Jornalista: O senhor quer dizer que o comportamento do eleitor mudou porque aquele modelo estava esgotado?

Presidente: Eu acho que o povo aprimorou o comportamento de escolher as pessoas, porque aquele modelo resultou em fracasso total e absoluto, em todo o mundo. Começou com o Salinas, no México, e terminou na América do Sul. Passou (pela Argentina com) Menem... passou por todo mundo. Houve uma mudança substancial na América Latina, onde eu já tinha uma boa relação com todo mundo. Além disso, houve uma decisão que nós tomamos, que é uma decisão estratégica. Eu viajei em janeiro de 2003 para Davos e eu disse ao Celso (Amorim) que era possível a gente mudar a geografia comercial do mundo. Tinha o G-8 que determinava a lógica econômica, a lógica comercial, e tinha uma imensidão de países como a China, Índia, África do Sul, México Argentina, Indonésia, Nigéria, que eram países importantes, mas eram marginalizados. O que precisávamos era fazer um pouco de organização e tomamos algumas decisões. Primeiro: recuperar o Mercosul e privilegiar nossa relação com a América Latina; segundo, privilegiar nossa relação com o Oriente Médio e com a África; terceiro, reforçar nossa relação com China e Índia. Isso sem abdicar da relação privilegiada que nós tínhamos com a União Européia e os Estados Unidos. Qual foi o resultado? O Brasil entrou no cenário político, organizamos o G-20 em Cancun... É só recordar o que a imprensa



dizia do G-20, em Cancun, que foi um fracasso, não sei das quantas... Só que hoje o G-20 está consolidado.

Jornalista: Mas a rodada da OMC, que era a meta do G-20, não foi concluída.

Presidente: Não tem problema. Quanto tempo demorou a rodada Uruguai? Essas coisas são complicadas porque significam que os países terão de fazer concessões para outros países, terão que perder alguma coisa internamente. Nós compreendemos isso. Todos vão ter que perder, e obviamente que alguns poderão ganhar. Outra coisa muito importante é que você diversificou os países com que o Brasil comercializava. Tomamos a decisão para que a economia brasileira não ficasse dependente de um bloco ou de um país. Quanto mais parceiros comerciais você tem, mais chances tem de, num momento de crise, não sofrer a crise. O resultado é que a política comercial está forte, a política comercial está forte e as relações políticas do Brasil melhoraram substancialmente nos últimos anos.

Jornalista: O senhor sempre fala também em preservar a democracia no continente...

Presidente: Sabe por quê? Primeiro por que nós somos ainda democracias em construção. É importante lembrar que não faz muito tempo que quase todos esses países eram vítimas de regimes autoritários. O fato de você conquistar a democracia significa que depois precisa consolidar as instituições. Instituições fortes é que garantem que a democracia persista por séculos e séculos. Outra coisa que eu prezo muito na minha relação é convencer sempre os dirigentes de que, primeiro, para que a gente possa atingir os objetivos, nós precisamos acreditar piamente na democracia. Num segundo momento você tem de pensar na estabilidade econômica do seu país. E você só pode consolidar democracia



e estabilidade econômica em paz. O processo de paz é a condição fundamental para você ter estabilidade econômica, pra ter democracia e fazer o restante das coisas.

Jornalista: Esse processo na América do Sul é frágil a ponto de estar ameaçado? O senhor acha que podemos ter retrocesso em algum país?

Presidente: Não há sinais de que a gente possa ter retrocesso.

Jornalista: Nem mesmo na Bolívia, onde a instabilidade é grande?

Presidente: Veja a história da Bolívia. Eleger um homem genuinamente boliviano, com a cara da Bolívia, com o jeito da Bolívia, a cara da maioria do povo boliviano, num primeiro momento gera impacto naqueles que habitualmente estavam no poder, ou naqueles que escreviam sobre o poder e tinham relações com o poder. O Evo, embora não devesse ser um corpo estranho na política boliviana, porque ele faz parte da maioria do povo da Bolívia, no poder, dentro do palácio, ele foi enxergado como se fosse um corpo estranho.

Jornalista: Isso aconteceu com o senhor?

Presidente: Eu acho.

Jornalista: O senhor comentava antes da entrevista que sua eleição, a de Evo Morales, a de Chávez e mesmo a de Cristina Kirchner dão uma nova cara à América do Sul. Como é a nova cara do poder na região?



Presidente: Eu não acho que é a nova cara do poder, é a nova cara da democracia. Somente num regime democrático é que é permitido isso acontecer. De vez em quando eu falo: eu cheguei onde eu cheguei porque a imprensa brasileira contribuiu. Falando bem ou falando mal, não importa. Contribuiu pra que eu fosse divulgado com uma mensagem favorável ou com uma mensagem contra. Quando a imprensa dava uma mensagem favorável, eu sei que no meio do povo tinha gente que analisava, pensando contrariamente ao que a imprensa estava falando,. Mas eu também tenho clareza que quando ela falava contra... Não é todo leitor que quando lê uma matéria contra, concorda com a matéria. No fundo, no fundo, a imprensa se dava ao luxo de promover um gostoso debate e permitir que o leitor lesse e discordasse do jornalista, se o jornalista estivesse falando bem ou falando mal. Porque também é preciso acabar com a síndrome do jornalista achar que escreve alguma coisa e aquilo bate no leitor como se fosse a verdade. Então eu acho que não é a nova cara do poder, é a nova cara da democracia na América Latina. Acho que está ficando forte e vai se consolidar cada vez mais. Sabe por quê? Se você faz a política correta, qualquer um que vier depois de você só tem uma chance: de fazer mais e melhor. Se voltar atrás, só ganha uma eleição, não ganha duas.

Jornalista: Voltando à questão do preconceito. Nós, brasileiros, temos preconceito em relação aos países e governantes vizinhos?

Presidente: O preconceito é uma doença. Somente o tempo é que se encarrega de curá-la. Eu vivo preconceito na minha vida desde que eu era moleque. Habitualmente, em São Paulo, as pessoas ficam chamando a gente de baiano. O preconceito por ser pobre... Isso tem no mundo inteiro. Agora, não adianta ficar se martirizando por isso, porque os preconceitos foram quebrados quando eu ganhei as eleições. Quebrou uma segunda vez, quando



eu fui reeleito. E quebra muito mais ainda quando as coisas estão dando certo. Se bem que ele é uma doença tão forte, em algumas pessoas, que você não quebra nunca. Você pode ter um empresário que não está ganhando muito no nosso governo e ele não tem preconceito. Você pode ter outro que está ganhando muito, mas na hora que ele tem que votar ele não vota (no governo) por preconceito. Isso nós temos que entender que é um processo histórico. Isso não muda por discurso, isso muda com o tempo. Com um monte de atos, com práticas, as pessoas vão aprendendo.

Jornalista: O senhor diz que não há riscos, mas parece que o Brasil vem atuando, deliberadamente, até no campo econômico, para ajudar países instáveis, como a Bolívia, para repetir o exemplo, o Paraguai.

Presidente: Nessa relação internacional você tem que ter muito cuidado. Primeiro, porque você não pode achar que a você é dado o direito de ter ingerência sobre um país. Essa é a primeira regra. Você não dá palpite sobre as coisas internas de nenhum país porque a autodeterminação dos povos é uma coisa sagrada. Segundo, você nunca diz a ninguém que eles devem fazer igual a você. O máximo que você pode fazer é contar o que você está fazendo, para reflexão, mas nunca tente dizer para um governante: faça que nem eu, faça isso faça aquilo. Cada um faz em função da sua realidade política, partidária, cultural. O Brasil tem um papel importante. Essa história de que o Brasil tem de ter papel de mediador... Essa história... Você só pode ter o papel de fiador se alguém quiser que você seja fiador.

Jornalista: O Brasil pode ser mediador na crise da Colômbia?

Presidente: Você tem que esperar que as pessoas peçam pra você intermediar alguma coisa. Não pode ficar se oferecendo. Até porque para você



ser negociador você tem de ter a confiança de todos os envolvidos, não pode ter a confiança de um lado. Na última conversa que eu tive com o Bush eu disse para o Bush: Olhe, pra gente resolver o problema do Oriente Médio, não pode o país que é o principal foco de tensão ser o negociador. Porque todo mundo no Oriente Médio, no mundo árabe, sabe que o Bush é ligado a Israel. Então, quando o Bush vai negociar com os palestinos, ele não é visto pelos palestinos como um interlocutor válido, porque ele já tem lado. Eu sugeri o seguinte: pra uma negociação dar certo, é preciso que você tenha alguém de confiança dos palestinos, alguém de confiança de Israel. Mais: dentro dos palestinos, você tem que ter alguém de confiança dos grupos que não concordam com o governo palestino; e tem que ter gente que mereça a confiança dos grupos que não concordam com o governo de Israel. É essa diversidade que pode permitir que um acordo dê certo. Porque senão toda proposta que for tentada já vem carimbada.

Jornalista: E como o Bush reagiu?

Presidente: Olha, eu acho que reagiu bem, porque até o Celso (Amorim) agora participou em Annapolis de uma discussão sobre Oriente Médio. É preciso colocar mais gente, gente mais aberta, porque em negociação, se você estiver negociando com alguém e essa coisa estiver truncada, não andar, toda reunião a mesma coisa, é melhor trocar os interlocutores. Para criar novos argumentos, novos assuntos. Voltando ao que você perguntou: qual é o papel do Brasil? O papel do Brasil é compreender que nós temos um preço a pagar por sermos a maior economia da América do Sul.

Jornalista: Qual é esse preço?



Presidente: É ser mais generoso. Nos acordos comerciais, na questão aduaneira. O Brasil e a Argentina precisam ser flexíveis na sua relação com o Uruguai, com o Paraguai, com a Bolívia, com o Equador. Se você exigir da Bolívia ou do Uruguai ou do Paraguai as mesmas condições que você exige da Alemanha ou da Argentina ou dos Estados Unidos, no fundo, você está inviabilizando a possibilidade de esses países darem um salto de qualidade.

Jornalista: Essa "generosidade" vale a pena, do ponto de vista comercial?

Presidente: Por que vale a pena? Porque não adianta um país - e esta foi outra conversa que eu tive com o Bush - não adianta você ter um país crescendo economicamente, se tem em torno de você um conjunto de países em situação de pobreza extrema e miseráveis. É só pegar toda a América Central e olhar os Estados Unidos. Então, se esses países crescerem juntos, a probabilidade de você aumentar a balança comercial com eles é muito grande. Portanto, você aumenta o comércio, a indústria, gera emprego e vai criando uma sociedade com poder de consumo que faz a roda gigante do comércio funcionar, todo dia e toda hora.

Jornalista: Em resumo: democracia e estabilidade na vizinhança é bom para os negócios.

Presidente: É bom pros negócios!

Jornalista: O senhor acha que os empresários, a chamada elite brasileira também entende assim?

Presidente: Eu acho que estão entendendo. Muitos empresários estão entendendo. É só você ver a participação dos empresários brasileiros na



América do Sul, está muito grande. Hoje os empresários brasileiros abrem fábricas na Argentina, na Colômbia, no Peru, no Uruguai, no Paraguai. Porque eles estão percebendo que se essas economias crescerem, o Brasil tem pra quem vender e tem de quem comprar. Se elas não crescerem, o "anti-Brasil" vai aumentar.

Jornalista: Nas suas viagens o senhor percebe o temor de uma hegemonia brasileira na região, esse "anti-Brasil"?

Presidente: Essa é outra coisa importante. Você nunca pode passar para os países qualquer intenção de hegemonia, porque isso é ruptura na certa. Ninguém gosta de ser hegemônico, e muito menos as pessoas gostam de ser lideradas. Se cada um cumprir seu papel já estaremos fazendo o melhor possível. Cada um tem de ser o mais representativo dentro do seu estado e o mais leal na relação internacional. Apenas ser justo.

Jornalista: O senhor diria que isso ocorreu na nossa relação com a Argentina e a sua relação pessoal com o ex-presidente Kirchner?

Presidente: Veja uma coisa: toda vez que o Kirchner brigava, dizia que era preciso industrializar a Argentina, eu concordava. Porque não era normal um país como a Argentina comprar 90% de suas geladeiras no Brasil, comprar 90% dos fogões. Era preciso que algumas coisas fossem produzidas lá na Argentina. Como também não é normal que o Brasil tenha um superávit comercial muito grande com os outros países. Essa balança comercial tem de ser mais ou menos equilibrada. O ideal tinha que ser que você vendesse mil e comprasse 900, ou vendesse mil e comprasse 1050. Para que você tenha, no final das contas, uma certa igualdade. O que não é normal é o Brasil vender US\$



2,2 bilhões para a Colômbia e só comprar 200 milhões. Ou vender quase 4 bilhões para a Venezuela e não comprar quase nada.

Jornalista: Mas a Venezuela não tem mesmo muito o que nos vender...

Presidente: Mas temos que ajudá-la a se industrializar. Temos que levar empresas para lá, temos que fazer parceria com as empresas da Venezuela, da Colômbia, da Bolívia porque, se não for assim, não há possibilidade deles se desenvolverem. Vamos ver o que a Europa está fazendo. Para formar a União Européia, colocaram muito dinheiro nos países mais pobres. Num primeiro momento, na Grécia, Portugal e Espanha, mas agora estão colocando dinheiro também na Europa do Leste. Por quê? Porque se aqueles países não tiverem geração de emprego, a tendência natural é eles serem exportadores de mão-de-obra barata e de problemas sociais.

Jornalista: Esse exemplo pode se aplicar à nossa relação com Bolívia e Paraguai?

Presidente: Pode. Temos que ajudar esses países se desenvolver.

Jornalista: O modelo é a Europa?

Presidente: O modelo é o nosso, mas do ponto de vista do que fazer, é exatamente isso, é investimento. Estamos fazendo mais do que já fizemos em qualquer outro momento. E menos do que necessário. Nós podemos fazer mais por cada um dos países. Vou dar um exemplo. Vamos à Bolívia domingo, para anunciar investimentos. Da Petrobras, financiar estrada, propor acordo sobre a terceira hidrelétrica do Madeira, a construção do pólo gás-químico. Na Venezuela, tem várias empresas brasileiras investindo lá, tem o pólo



petroquímico da Odebrecht,. Queremos fazer juntos uma refinaria, um gasoduto. Com a Colômbia já temos a Votorantim lá, o Gerdau... Eles estão querendo agora a Vale do Rio Doce.

Jornalista: O senhor foi criticado por não retaliar a Bolívia quando o país nacionalizou o gás e o petróleo. Agora vêm aí as eleições no Paraguai, com todos os candidatos propondo a revisão do acordo de Itaipu. Qual vai ser a reação?

Presidente: É normal, nós temos que compreender isso. Como é que pode o Paraguai ser sócio de Itaipu e ter cidades que não têm energia elétrica? O que o Brasil tem de fazer? O Brasil tem de fazer linhas de transmissão dentro do Paraguai e nós mesmos financiarmos. O tratado diz que (a energia de Itaipu) é 50% do Paraguai e 50% do Brasil, mas enquanto o Paraguai não estiver utilizando, essa energia é vendida para o Brasil. Se o Paraguai não tem dinheiro para fazer investimento em linhas de transmissão, o Brasil precisa ajudar. Dentro do tratado. Na hora que o Paraguai tiver indústrias produzindo e Itaipu não for a única ou a principal fonte de receita paraguaia, Itaipu vai perder importância nos debates políticos internos. O mesmo vale para a Petrobras, na Bolívia. É preciso que tenha outros investimentos, outras atividades. Hoje os empresários brasileiros já têm essa compreensão.

Jornalista: Ok para os empresários, mas a sociedade brasileira também percebe dessa forma?

Presidente: Acho que a sociedade brasileira evoluiu. Eu acho que a política externa brasileira nunca foi tão respeitada como está sendo agora. Lógico que tem os saudosistas, aqueles que acham que nós deveríamos só conversar com os Estados Unidos, que acham que devíamos conversar com Estados Unidos e



Europa, aqueles que acham que não adianta ter relações com a África, com a América Latina. Era uma visão de mentalidade colonizada. Nós nos abrimos, só isso. O Brasil resolveu jogar um jogo de um país grande. Que pode ter mais inserção, mais respeitabilidade, ser interlocutor de fato e de direito.

Jornalista: O senhor acha que o Brasil é reconhecido como um país grande? Por quê?

Presidente: Eu acho que é reconhecido. Logicamente que ainda temos coisas a conquistar e vamos conquistar. Quanto mais o G-20 for forte, mais iremos conquistar.

Jornalista: Além da negociação da OMC, a reforma da ONU estava na agenda do Brasil e não saiu. Esse é o objetivo mais difícil?

Presidente: É o mais difícil, mas saiu. Porque é incompatível a ONU continuar com a mesma formatação que ela tinha 61 anos atrás. Mudou a geografia do mundo. Mudou o mundo. Acabou a Guerra Fria, acabou a bipolaridade, então a ONU tem de ser mais representativa.

Jornalista: O senhor acha que o fim da bipolaridade foi positivo para a esquerda, no mundo?

Presidente: Não sei... Tem gente que até hoje está magoada com a queda do muro de Berlim. Eu achei ótimo. Achei ótimo porque permitiu que a esquerda pudesse pensar novos modelos, escrever novos livros, novas teorias, não achar mais que tudo que tinha sido escrito por Marx estava certo. Achei ótimo.

Jornalista: O senhor vê essa opinião entre seus interlocutores internacionais?



Presidente: Muita gente pensa assim, acho que todo mundo. Não tem mais saudosismo. O mundo globalizado vai exigir mais competência.

Jornalista: Da esquerda, inclusive?

Presidente: De todo mundo. Vai exigir a necessidade de cada vez produzir mais, com mais qualidade e mais barato. O que nós precisamos é sempre levar em conta que nós temos problemas de assimetria para resolver entre os países. É tentar criar um equilíbrio para que os países menores possam galgar espaços maiores na geografia econômica, política e comercial.

Jornalista: O senhor diria que está vivendo seu melhor momento no governo?

Presidente: É muito difícil... Eu não sei o que vai acontecer amanhã, mas eu estou vivendo um bom momento. Mais do que eu, o Brasil vive um bom momento. Eu vejo que as coisas estão fluindo, acontecendo. Pega o leilão das estradas que nós fizemos. Vai ser uma coisa engraçada no Brasil. Enquanto na via Dutra o cidadão paga 7 reais para andar 100 quilômetros, na Fernão Dias vai pagar 99 centavos. O que aconteceu de errado? Obviamente que fazer leilão naquele momento era mais complicado. A economia não estava arrumada, a inflação não estava controlada, as incertezas econômicas persistiam. O leilão que nós fizemos foi no marco da estabilidade, da inflação controlada e de muito mais perspectivas no Brasil.

Jornalista: Pessoalmente?

Presidente: Estou bem, estou bem. Graças a Deus, estou bem.



Jornalista: Inclusive com a oposição e com a enorme coligação do governo?

Presidente: Não existe possibilidade de ter uma coalizão sem problemas cotidianos. E também com a oposição, porque esse é o papel da oposição. Eu vejo muita gente falar em oposição construtiva, oposição... Toda oposição deseja que o governo erre mais do que acerte. Toda. O que você acha que está pensando um jogador de futebol que está sentado no banco de reservas, vendo o jogo? Está doido que aconteça alguma coisa para o técnico colocar ele em campo. A oposição está sentadinha no banco, torcendo pras coisas darem errado, para que eles possam voltar ao poder. O equivocado é a oposição torcer para o governo.

Jornalista: O senhor vai dar palpites no jogo da oposição?

Presidente: O máximo que o presidente pode fazer é dar conselhos.

Jornalista: O que o senhor está aconselhando?

Presidente: Nada. A oposição é assim no mundo inteiro, e era assim quando o PT era oposição. A oposição quer, muitas vezes, criar embaraços para o governo, está no papel dela.

Jornalista: O primeiro número de Época circulou há nove anos. O que mudou de lá pra cá, no continente, no país, no Lula?

Presidente: Acho que melhorou a América do Sul, melhorou o Brasil e eu melhorei. Eu aprendi mais. Aprendi a ver as coisas com olhos de governante. A cada ano que passa você aprende uma coisa. Acontece assim com quase todos os governantes. Qual é a vantagem que eu tenho? É que em meu



segundo mandato eu peguei o Brasil ascendente. O Fernando Henrique Cardoso pegou o Brasil descendente.

Jornalista: Fernando Henrique poderia ter lidado melhor com aquela situação?

Presidente: Teoricamente, poderia, se tivesse mudado o câmbio com antecedência. Esperar as eleições para mexer o câmbio não foi uma boa política. Política econômica tem um problema: você tem que pensar muito cada passo, porque se você der um passo certo, ótimo, mas se você der um passo errado, para recuperar é muito difícil.

Jornalista: O senhor adotou uma decisão de política monetária ali pelo segundo ano, que teve de recuperar depois.

Presidente: Vamos lembrar o seguinte: nós tivemos 2003, que foi um ajuste fiscal gigantesco. No mês de agosto ou setembro eu utilizei a expressão “espetáculo do crescimento”. Apanhei e fui achincalhado por muita gente. O que aconteceu em 2004? O PIB cresceu 5,7% em decorrência do ajuste que nós fizemos. E por que eu utilizei espetáculo do crescimento? Porque em todas as conversas que eu tinha com o Palocci e com o Meirelles, semanais, eles mostravam que estava subindo. Então, apanhei um ano inteiro e a economia cresceu 5,7 %. Onde é que está o erro? É que a gente esticou a corda em 2004 e a inflação começou a voltar. E nós tivemos que, outra vez, aumentar os juros. E aí começamos a ter problemas em 2005, refluíu.

Jornalista: Houve erro de dosagem?



Presidente: Eu acho, eu acho. Depois, em 2006 outra vez equilibramos e agora eu penso que estamos de forma muito mais sólida, crescendo com mais sustentabilidade.

Jornalista: O que lhe dá mais prazer como presidente?

Presidente: Acompanhar os investimentos do PAC. Porque o PAC foi uma coisa que nós fizemos acertada. O PAC era para ter sido lançado antes da campanha (eleitoral) como peça de campanha. E foi correto a gente decidir não lançá-lo. Depois era para ter sido lançado em dezembro. A gente decidiu, era Natal, que não era importante lançar. Lançamos no dia 22 de janeiro. Depois do lançamento do PAC, ao invés de a gente sair de forma desordenada, eu propus à Dilma que nós fizéssemos o levantamento dos principais problemas de cada estado e que chamássemos o governo dos estados e os prefeitos das cidades que tinham grande problema para a gente poder discutir com eles, acertar com os governadores e os prefeitos. Aquele que não tivesse projeto, ajudar a fazer os projetos. Na minha cabeça, as obras do PAC só vão estar a pleno vapor a partir de fevereiro. No saneamento básico são 40 bilhões que estão aí. Depois de mapeado, de feito o acordo com os prefeitos, eles entraram na fase de fazer projetos, fazer licitação, e tem muita coisa para começar no começo do ano.

Jornalista: E depois do PAC?

Presidente: Eu gosto de tudo no governo, gosto de discutir economia, gosto de discutir política externa... O segundo mandato, para mim, está sendo mais complicado do que o primeiro, porque eu passo 24 horas por dia tentando me motivar. Eu não quero permitir que o segundo mandato me canse, por isso tento ficar criando coisas novas. Mas estou feliz, sou um homem feliz hoje.



Jornalista: Ok para o segundo mandato, e o terceiro?

Presidente: Não tem terceiro, isso não existe.

Jornalista: O senhor diz que é contra a reeleição e favorável a um mandato de cinco anos para os próximos presidentes. Por que o senhor não institucionaliza essa posição, não apóia a emenda Jutahy ou manda sua própria emenda ao Congresso, o que é uma prerrogativa?

Presidente: Porque seria politicamente incorreto. Eu fui reeleito. Eu mandar um projeto agora, acabando com a reeleição, seria muito ruim. Eu tenho conversado com os partidos e acho que a reforma política deveria partir dos partidos e não do presidente da República. E eu sinto que os partidos não querem a reforma.

Jornalista: Nem sobre esse aspecto da reeleição?

Presidente: Eu sinto que eles não querem.

Jornalista: O senhor desistiu da reforma?

Presidente: Não. Toda vez que eu posso me reunir com os líderes eu peço para eles fazerem a reforma. Agora, quem tem que articular isso são os partidos políticos.

Jornalista: O tema dos biocombustíveis também entrou na agenda política externa...



Presidente: Eu acho que a questão dos biocombustíveis é um ingrediente espetacular na nova matriz energética que o mundo vai construir no século XXI. Os problemas ambientais e econômicos nos levam a criar alternativas. São poucos países que detêm o monopólio do petróleo, ter petróleo exige muita sofisticação tecnológica e muito investimento. Agora, o biodiesel e o etanol não. Você precisa de muita tecnologia, mas a compensação é que é um gerador de mão-de-obra extraordinário. Claro que podemos trabalhar mais essa questão. Por isso é que, quando criamos a lei do biodiesel, fizemos o selo social, para dar um desconto tributário ao empresário que contrate a plantação oleaginosa do pequeno produtor. O projeto tem mais a cara da África, mas não se pode esquecer que existem regiões no Brasil que têm extrema pobreza.

Jornalista: Mas há críticas internas à expansão do plantio para biomassa, e também externas. Fidel Castro e Hugo Chávez criticam o risco de substituição de culturas, em função do etanol.

Presidente: Acho que o Fidel está certo. Se você vai produzir etanol a partir de alimento é um erro. Mas ele está falando dos Estados Unidos. Já falei muitas vezes com o Chávez sobre isso, e estou pra ir a Cuba qualquer dia desses.

Jornalista: Em Buenos Aires o senhor conversou Chávez e com Uribe, dois presidentes em conflito. Como foram as conversas?

Presidente: Eu me dou bem com os dois. Eu tenho um profundo respeito pelo Chávez, acho que a Venezuela é um parceiro importante para o Brasil e vamos trabalhar pra manter essa relação. A Colômbia também é um país que tem uma forte fronteira com o Brasil. Embora os dois sejam de perfis ideológicos diferentes, os dois tratam o Brasil com profundo respeito e eu quero tratar os dois com muito respeito.



Jornalista: No encontro com Uribe, o senhor apresentou o Brasil para mediar a libertação da senadora Ingrid Betancourt?

Presidente: Não. Também nessas coisas, você não se oferece. Ou alguém pede pra você e você diz sim ou não, ou não vai acontecer nada. Acho que o Uribe está com a Igreja Católica assumindo um papel importante nas negociações, nós agora só temos que esperar para saber o que vai dar. Se um dia o Uribe convocar o Brasil pra fazer algum tipo de gestão, o Brasil estará disposto a fazer gestão.

Jornalista: Ao relatar seu encontro com Uribe, seu assessor Marco Aurélio Garcia mencionou que, além da troca de reféns com a guerrilha, o Brasil deseja que a situação evolua para um acordo de paz. É nesse quadro que o senhor está pensando?

Presidente: É. Eu acho que vai ter um dia em que todos os colombianos vão descobrir que viver em paz é muito melhor. Só faltam eles (na América do Sul).

Jornalista: O senhor acha possível influir sobre as Farc?

Presidente: Sempre é possível, sempre é possível. Vamos esperar essa gestão da Igreja católica.

Jornalista: Quais foram os momentos mais importantes para o senhor, na política externa?

Presidente: Teve dois momentos importantes. A viagem para a China e para a Rússia. O Ano do Brasil na França... O Brasil ter sido convidado para o Dia da



Independência na Índia foi extremamente importante. São os momentos que eu senti mais importantes.